

INFLUÊNCIA DAS GRANDES MÍDIAS NA MANIPULAÇÃO DO PENSAMENTO ESTUDANTIL E USO DOS SÍMBOLOS NACIONAIS PARA FORJAR AS ELEIÇÕES DE 2018¹

Valdimir Pereira Reis¹

FICS - Facultad Interamericana de Ciencias Sociales

Maria Aparecida Antunes Moreira²

FICS - Facultad Interamericana de Ciencias Sociales

Etelvina de Queiroz Santos³

Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia/UESB

Resumo: O presente trabalho tem o objetivo de analisar a influência das grandes mídias no fomento das manifestações de 2013 e o uso dos símbolos nacionais para manipular as eleições de 2018. Neste estudo, tomou-se como objeto de pesquisa a influência das grandes mídias nas produções de textos literários dos alunos de um colégio Estadual da Bahia. Para tanto, foi usado os referenciais de Souza (2016, 2017, 2018) quando afirma que as manifestações de 2013 foi o início do cerco ideológico que resultaram no impedimento da presidenta eleita. O estudo identificou a existência de um elo de influências entre as vinculações das informações pelas grandes mídias o uso dos símbolos nacionais e os resultados das eleições de 2018. Identificou-se que os alunos foram vítimas da violência simbólica ao fazerem a defesa das ideias da elite financeira influenciados pela cobertura jornalística realizada pela grande mídia. Além disso, percebeu-se que os estudantes, na luta de classes, se colocaram a favor daqueles que queriam interromper a ascensão social de sua classe. Neste contexto, constatou-se que a luta de classes não é só pelos bens, o capital econômico, mas também pelo capital cultural, bem como, pelas narrativas da interpretação social. Dessa forma, percebe-se a importância deste estudo visto que à medida que o estudante compreende a dinâmica de manipulação em que está inserido poderá ser capaz de desenvolver a consciência crítica e superar a ideologia da opressão, da consciência ingênua e acrítica.

Palavras-chave: Manifestações. Grandes Mídias. Manipulação.

Introdução

O presente trabalho constitui-se da análise da influência das grandes mídias no fomento das manifestações de 2013 e o uso dos símbolos nacionais para manipular as eleições de 2018. Para tanto, nos orientamos pelos referenciais de Souza (2016), cujo autor afirma que as manifestações de 2013 marcam um ponto de virada da hegemonia ideológica das altas taxas de aprovação aos presidentes petistas. Além disso, nos apropriamos dos conhecimentos produzidos sobre políticas, corrupção a fim de compreender como estas ideologias influenciou o desfecho político dos últimos anos.

¹ O presente artigo é fruto de uma pesquisa de Mestrado em andamento e tem como objetivo investigar os conceitos que influenciaram o pensamento estudantil nas construções dos textos literários

Esta pesquisa apresenta-se relevante uma vez que no ano de 2013 uma grande quantidade das produções literárias dos alunos de um colégio estadual da Bahia trouxe como tema assunto que discutia algum aspecto da sociedade brasileira como política, economia ou organização social, sendo que uma parte destes dava destaque à corrupção.

Assim, compreender as ideias que influenciaram a forma de pensar dos estudantes permitirá uma prática pedagógica que contribuirá para ajudá-los na construção de um pensamento crítico, que possibilita assumir postura de uma ação libertadora e forneça-lhes defesa contra a dominação da elite dos proprietários.

Manifestações de 2013 e produções literárias do “tempos de arte literária” – TAL

O estopim para o início das manifestações de 2013 foi o aumento de R\$ 0,20 (vinte centavos) da tarifa do transporte municipal na cidade de São Paulo, porém a cobertura midiática conseguiu federalizar para que pudesse atingir o governo federal.

Neste contexto, o interesse pelo objeto de estudo se justifica porque composições do Tempos de Artes Literárias - TAL de 2013 foram produzidas no momento de maior efervescência e também pela necessidade de compreendermos quais as influências que os alunos sofreram das coberturas jornalísticas da mídia, sendo que eles não participaram das manifestações, pois as mesmas ocorreram nas capitais e grandes cidades, e os referidos alunos tiveram acesso apenas pelos noticiários, especialmente das TVs.

Para isso, adotamos a metodologia baseada numa abordagem qualitativa que procura compreender no texto a experiência de vida e as influências que os estudantes receberam. Recorremos também, à técnica de análise de conteúdo que, segundo BARDIN (1977), trabalha a palavra e tenta compreender os participantes ou o ambiente num momento determinado. Ademais, realizamos o levantamento bibliográfico que nos ajudou a aprofundar no assunto.

A definição das categorias corrupção, classe social, violência simbólica, manifestação e criminalização da política facilitaram a interpretação das ideias expressas nas composições dos estudantes.

Utilizamos os estudos empíricos de Souza (2009, 2016, 2017) uma vez que este autor traz contribuições sob a forma de pensar do brasileiro, que embasou a interpretação do pensamento estudantil que foi expresso nos textos que abordaram a realidade social e política do país.

Para Souza (2009) as ideias que serviram de base para a constituição da identidade nacional e da interpretação social e política do Brasil foram lançadas, especialmente, por Gilberto Freyre, Sérgio Buarque de Holanda e por Raimundo Faoro.

Para realizarmos a interpretação das produções do TAL, fez-se necessário entender que um conceito fundamental é de que toda sociedade é constituída de classes sociais. Compreender a sua dinâmica dentro do contexto é essencial para fazer a interpretação da realidade social

Na perspectiva de Souza (2016) a classe social é uma construção socioafetiva que acontece dentro da família, ou seja, a socialização familiar pelo pertencimento na classe que possibilitará o sucesso na escola e, mais tarde, o sucesso no mercado de trabalho. Souza (2017) esclarece que a luta de classes é a chave para entender tudo que é importante na sociedade. Tal ideia, por um lado, foi demonizada pela direita e, por outro lado, banalizada pela esquerda. Sem a concepção de luta de classes, ficamos com a ideia do senso comum de que na sociedade temos apenas indivíduos competindo em condições de igualdade pelos bens e recursos escassos.

Revolta, revolução e manifestação: resultado do descontentamento de um povo

Quando um povo está descontente com algum ato de seu governante, ou até do governo como um todo recorre a um instrumento de luta para demonstrar a sua insatisfação. Historicamente as ferramentas mais usadas são a revolta, a revolução e a manifestação.

A revolta é uma manifestação que já inclui atos de violência, demonstra uma indignação que extrapola o controle pacífico. No Brasil tivemos exemplos de revolta como a Inconfidência Mineira – contra o imposto da derrama; a Revolta do Vintém – contra o aumento na passagem do bonde no Rio de Janeiro; a Revolta da Vacina – no Rio de Janeiro revoltaram contra a obrigatoriedade de aplicação da vacina.

A revolução é uma resposta radical, pois não se acredita que conseguirá o resultado pela via da reivindicação, por isso se faz o uso de armas. Tivemos muitos exemplos de revolução como a Revolução Francesa e a Revolução Cubana. Porém, tivemos revoluções pacíficas como a Marcha do Sal, na Índia, a Revolução dos Cravos em Portugal entre outras.

A manifestação é uma forma da população externar sua insatisfação com alguma coisa, principalmente em relação ao executivo, por algum ato que este realizou. Entendemos a

manifestação como uma atitude “contra”, porém pode ser uma atitude ”a favor”. No entanto, toda manifestação contra traz implicitamente o que é a favor.

Na perspectiva de Gohn (2016) manifestações em espaços públicos acontecem desde o Brasil Colônia, mas tiveram maior destaque a partir de 1950. A partir do final da década de 1970, as manifestações contribuíram para o fortalecimento das lutas sociais e a consolidação da democracia no país.

Para Warren (2014) no Brasil há muitas manifestações organizadas por movimentos sociais como movimentos juvenis, movimentos de mulheres, movimentos de negros, movimentos de indígenas, movimentos do mundo do trabalho, dentre outros. Esses atores, que normalmente são oriundos das classes populares, recorrem a esses mecanismos para dar visibilidade às suas reivindicações.

No Brasil manifestações são comuns, tem constantemente um movimento social protestando contra alguma medida antipopular do executivo ou fazendo reivindicação de alguma política. Dentre as grandes manifestações históricas algumas tiveram maior repercussão pelo seu número de participantes e pelo efeito que produziu, vamos citar as Diretas já, Caras pintadas e a Marcha dos 100 Mil.

As Diretas Já ocorreram em 1984, o Brasil ainda estava sob o domínio da ditadura militar. Apesar da repressão, a população foi para as ruas reivindicar a aprovação de uma lei que permitisse a eleição direta para presidente da República.

A manifestação dos Caras Pintadas ocorreu em 1992. Era constituída principalmente de jovens e foi assim chamada porque esses jovens pintaram os rostos com tintas verde e amarela. Foram para as ruas pedir o impeachment do presidente Fernando Collor de Melo.

A Marcha dos 100 Mil aconteceu no ano de 1999 e foi um protesto contra o governo de Fernando Henrique Cardoso que pedia a instalação de Comissões Parlamentares de Inquéritos (CPIs) para investigar a corrupção no governo federal. Teve apoio dos sindicatos dos trabalhadores.

Warren (2014) afirma que os jovens na atualidade possuem uma ferramenta a mais para fortalecer nas reivindicações e manifestações, as redes sociais, contudo o uso dessa ferramenta serve como suporte para se organizar e não explica o sentido político da ação.

As classes privilegiadas, a classe dos proprietários e a classe média, recorrem ao mecanismo de manifestações. Duas delas que ficaram famosas foram Marcha da Família com Deus pela Liberdade e a dos “manifestoches” termo criado pela escola de samba Paraíso do Tuiti, no carnaval de 2018 para designar os manifestantes vestidos com a camisa verde e

amarela da seleção brasileira de futebol, com panelas na mão, sendo manipulados pelo meio de comunicação, defendendo o impeachment da presidenta Dilma.

A Marcha da Família com Deus pela Liberdade ocorreu em 1964 como uma reação às Reformas de Base, no governo de João Goulart. Foi composta pelos setores conservadores da classe média e a elite econômica que não queriam as reformas de caráter popular e usava o argumento que o Brasil estava sob a ameaça de implantar o comunismo. Foram estas manifestações que deram o apoio necessário para ser realizado o Golpe Militar de 1964, responsável pela implantação de mais de 20 anos de ditadura militar no país.

A manifestação dos “manifestoches” foi uma apropriação que a classe média e a elite do dinheiro fez da manifestação contra o aumento de R\$ 0,20 (vinte centavos) na passagem do ônibus coletivo na cidade de São Paulo convocada pelo Movimento Passe Livre (MPL). Iniciou-se em 2013 e manteve a classe média mobilizada até a conclusão do Golpe de 2016, tendo como disfarce a bandeira da luta contra a corrupção, mas queria era o fim das políticas que levaram a ascensão das classes populares e para isso tinha que fazer a troca de governo.

Na visão de Gohn (2016), até 2013, os atores das manifestações de ruas eram os movimentos populares organizados que lutavam pelo acesso à terra e à moradia. Porém a partir de 2013, os atores das manifestações se alteram, a classe média ocupa os espaços das ruas.

Para Pujol, Rocha e Sampaio (2014) a classe média pode ser compreendida pelas bandeiras que levantou nas manifestações de 2013 a partir de algumas características. A primeira característica foi a de repúdio aos programas governamentais de distribuição de renda que levaram a classe trabalhadora ao acesso de espaços que, historicamente, eram ocupados pelos ricos. Os programas de assistência social foram classificados pela classe média como esmola que induziria a acomodação dos beneficiários.

A segunda característica é a defesa, de forma velada, de que alguns são melhores do que outros, por isso o aumento da capacidade de consumo dos mais pobres foi interpretada como um inconveniente, assim a classe média procura resguardar a sua ambição econômica.

Ainda segundo Pujol, Rocha e Sampaio (2014) a terceira característica é a postura dependente e paternalista que a classe média mantém em relação ao aparelho estatal. Essa postura, de tempos em tempos, motiva revolta contra os poderes do Estado que associa tudo que não dar certo como “culpa do governo”. Essa atitude foi expressa durante as manifestações.

Para Warren (2014), nas manifestações de 2013, a mídia teve um papel ambíguo no sentido de que, historicamente, desde a ditadura militar, sempre criminalizou os protestos dos movimentos sociais. Em 2013, iniciou condenando as manifestações, mas a partir de um dado momento, passou a exalta-las como as “vozes da rua”.

Pujol, Rocha e Sampaio (2014) ressaltam que as mídias sociais tiveram um papel relevante na mobilização em larga escala. Mas a grande mídia já tinha trabalhado, durante dez anos, martelando diariamente a opinião pública com a condenação seletiva da corrupção, contra os gastos públicos e os impostos que aparecem nos slogans das manifestações.

Ainda segundo Pujol, Rocha e Sampaio (2014) pela falta de lideranças de movimentos sociais ou de partidos políticos, os protestos tiveram uma agenda pulverizada e permitiram que os meios de comunicação de massa apoderassem das manifestações, oferecessem o conteúdo político e realizassem a interpretação à sua maneira.

Essas interpretações foram usadas para produzir aglomerações que conduzissem a consequência de exigir mudanças no poder vigente. Por outro lado, os manifestantes, desejavam fazer a figuração do espetáculo, por isso expressavam o orgulho de sua participação.

Os resultados das manifestações de 2013 na visão de Souza (2016) foram o “ovo da serpente” que possibilitou a construção da “base popular” do golpe de 2016. No intervalo desses três anos, a grande mídia fez o ataque sem tréguas ao governo federal, até a vitória do impeachment.

No entendimento de Pujol, Rocha e Sampaio (2014) “[...] as manifestações de 2013 contribuíram para recuperar o debate sobre a composição e a luta de classes no Brasil contemporâneo” (PUJOL, ROCHA e SAMPAIO, 2014, p. 17), uma vez que o presidente Lula havia feito um governo de conciliação de classes e que teve continuidade na administração da presidente Dilma.

No mês de março de 2015 aconteceram grandes manifestações em todo Brasil, que ocorreram em duas datas: 13 e 15 de março. Na primeira os atores são os movimentos sociais e na segunda configuram como atores a classe média. As duas apresentaram posicionamentos políticos claros: a favor e contra o governo Dilma.

A manifestação do dia 13 de março de 2015 foi convocada pelos movimentos sociais, entre eles destacam o Movimento dos Trabalhadores Sem Terra – MST, Central Única dos Trabalhadores – CUT, União Nacional dos Estudantes – UNE, Movimento dos Trabalhadores Sem Teto – MTST. Para Gohn, “[...] esta manifestação representou uma tentativa de se

antecipar e contrapor a outra manifestação que estava sendo organizada para o dia 15 de Março” (GOHN, 2016,p.139).

As manifestações do dia 15 de março de 2015 descendem de junho de 2013, tinham uma posição política de oposição ao governo Dilma, era predominantemente constituída pela classe média. Na análise de Gohn (2016) esses protestos enfatizam as operações contra a corrupção, questionam os políticos, são contra o Partido dos Trabalhadores e pede o impeachment da presidente Dilma Rousseff.

Nestas manifestações de 2013 a 2015, a grande mídia conduziu o discurso político, segundo Souza (2016), agindo como partido político da classe dos endinheirados, manipulando, distorcendo as informações, como a corrupção seletiva, para destruir o PT. Usou a classe média como tropa de choque e a manteve mobilizada até à conclusão do golpe de 2016.

Manifestação apresentada pela grande mídia

Os estudos empíricos realizados por Souza (2016) apontam que as manifestações de junho de 2013 foram iniciadas pelo Movimento Passe Livres (MPL) que lutavam contra o aumento de R\$ 0,20 (vinte centavos) no transporte público da cidade de São Paulo. Participavam do movimento jovens tanto da classe média como da periferia da capital, que demonstravam certo descontentamento além do simples aumento da passagem de ônibus municipal. Os protestos expandiram para as capitais e grandes cidades do país, repercutidos pela grande mídia, teve forte apoio popular e ficou conhecido como “Jornadas de Junho”.

Souza (2016) sinaliza que os grandes meios de comunicação mudaram a sua forma de cobertura jornalística no decorrer do protesto. O referido autor tomou por base o Jornal Nacional (JN) da Rede Globo, por ser a porta-voz da reação conservadora da sociedade. Assim aponta que o Jornal Nacional fez a primeira referência às manifestações no dia 10 de junho de 2013, de forma negativa enfatizava o tumulto, o prejuízo ao trânsito e o incômodo à população.

No dia 12 de junho, a cobertura também foi negativa, os manifestantes são chamados de vândalos porque ocorreram ataques e depredações a ônibus e estações do metrô, em São Paulo. Mostrou cidadãos reclamando do tumulto e da perturbação da ordem pública. Os manifestantes foram criminalizados, alguns foram presos por formação de quadrilha e depredação.

No dia 13 de junho a cobertura continuou no mesmo padrão de criminalização. Neste dia foi feita a primeira referência à PEC 37. Souza (2016) expõe que a partir de então aparece uma articulação e um conluio entre o aparato jurídico-policial e a imprensa.

A crítica à PEC 37 passa a ser frequente como se fosse o interesse dos manifestantes e não do Ministério Público, pois a PEC limitava a investigação a policiais federais e civis dos estados e distrito federal. O Ministério Público queria investigar e acusar.

No dia 15 de junho a cobertura continuava negativa focando no incômodo causado pelos protestos. Neste dia mostrou também o protesto dos produtores rurais contra os índios e a política de demarcação de terra da Fundação Nacional do Índio (FUNAI) e a reportagem foi favorável aos produtores. Nesta data o JN percebe o potencial de crítica ao governo federal.

Souza (2016) aponta que a partir do dia 17 de junho a cobertura do JN mudou completamente. O sentido mudou de negativo para positivo. Os protestos passam a ser a “expressão democrática”. A bandeira brasileira é incluída como símbolo e os protestos são chamados de pacíficos. A pauta deixa de ser municipal, o aumento das passagens de ônibus é federalizada e passa a ser contra a PEC 37, contra a corrupção e contra os gastos da copa do mundo.

No dia 18 de junho a cobertura continua no sentido positivo como do dia anterior, não apresenta mais a preocupação com o vandalismo e passou a combater a repressão aos protestos. Os manifestantes passam a vestir a camisa da seleção brasileira e a cantar o hino nacional e as famílias da classe média são os novos integrantes dos protestos e não mais jovens estudantes.

A partir do dia 19 de junho a cobertura do JN passa a ter o objetivo de atingir a figura da presidente da república. Nesta data as tarifas municipais foram reduzidas para os preços anteriores, mas os protestos continuaram, pois o mesmo já tinha sido apropriado por um segmento da classe média, que fez a alteração da sua pauta.

A cobertura jornalística da grande mídia mostrando o sentido positivo dos protestos cria uma atmosfera capaz de impulsionar uma onda que tomará grandes proporções, à medida que uma pessoa se convenceu a se envolver passa a persuadir outras e naquele momento contou com o poder das redes sociais que é capaz de mobilizar grandes contingentes em curto espaço de tempo.

Para fazer a mobilização, “[...] as mídias de massa tem um papel relevante no contexto dos protestos: elas espalham a mensagem dos movimentos envolvidos, o que publiciza a

causa e tem o potencial de aumentar o número de seguidores e de recursos” (BARBOSA, 2016, p. 14).

Barbosa (2016) elabora gráficos de envolvimento nas manifestações, por regiões do Brasil. Nesses gráficos são colocadas as quantidades de participantes em cada ato entre os dias 17 e 30 de junho, pois a mesma considera que o período citado foi mais relevante pelo volume de pessoas presentes nos protestos, temporada proeminente por ter tido o apoio da grande mídia.

A campanha presidencial e o uso dos símbolos nacionais como forma de manipulação social

A campanha presidencial de 2018 recorre à mesma simbologia que começou nas manifestações de 2013 e continuou naquelas que conduziu ao golpe de 2016 e que reaparece na campanha em 2018.

Neste sentido, percebe-se que a campanha eleitoral do presidente eleito em 2018 foi gestada em 2013, tendo uma segunda etapa nos anos de 2015 e 2016. Neste contexto de movimento ficou claro que os donos do dinheiro era quem financiavam e motivava a classe média para ser a base social das manifestações de 2013 que estava incomodada com a ascensão social das classes populares.

Em 2016 a classe média, sendo manipulada pela grande mídia, consegue realizar o golpe para os donos do dinheiro, que foi um golpe de uma classe social e representou a diminuição da qualidade de vida das camadas populares.

Em 2018 essas mesmas classes são responsáveis para constituir uma base social para a campanha presidencial que elegeu o presidente que não discutiu com a população um plano de governo e os fragmentos que apareceram de suas propostas não eram nada favoráveis às camadas populares e mesmo assim foi eleito.

Neste sentido, a grande mídia foi responsável para construir todo pano de fundo moral da campanha do atual presidente, também de incentivar e motivar o uso dos símbolos nacionais para fazer uma campanha de ódio ao único partido que conseguiu realizar a elevação social das camadas populares.

O uso dos símbolos nacionais da maneira que foi utilizado não significa nacionalismo. Representa mais uma manipulação e uma tentativa de imbecilizar uma parte da população

fazendo a distorção da realidade. Além disso, possibilita fazer a fragmentação e enfraquecer os elos de união de uma nação, quebrando os vínculos nacionais.

Souza (2016) aponta que os manifestantes de 2013, que são constituídos pela classe média, inicia a concepção da estética e moral do movimento antigoverno federal conduzido pela grande imprensa, utilizando como principal ritual o hino nacional, a camisa da seleção, a cara pintada e a bandeira nacional.

Neste período, sustenta Souza (2016) que a mídia se apropria do novo discurso da luta contra a corrupção e tem como base para sustentação de suas ideologias a classe média branca, bem-vestida, e com alto nível de renda que agora ocupa as ruas. Esses atores são aqueles que sempre votaram na direita, e que havia perdido quatro eleições presidenciais e pela manipulação da mídia, se transformam em “povo” nas ruas, com a camisa do Brasil e bandeira em punho.

Para Pinto (2017) a mídia produziu e articulou discurso onde tudo de ruim era culpa de Dilma, PT e a corrupção. Assim, após doze anos de governo petista em nível nacional, de inúmeras prefeituras e estados governados pelo partido desde 1990, o PT reapareceu como um perigo comunista. Nas manifestações em todo o Brasil, lia-se nos cartazes: “a nossa bandeira jamais será vermelha”; “chega de doutrinação marxista”; “basta de Paulo Freire”, “O Brasil não será uma Cuba”; “O PT é o câncer do Brasil”. (PINTO, 2017, p 149)

Fica evidente que a manipulação midiática adentrou todos os lares brasileiros, impossibilitando o cidadão de comparar ou mesmo avaliar as informações recebidas em casa. A grande mídia possibilitou preparar o acesso para a violência fascista do ódio contra todos que não comungasse dos mesmos ideais. “Agora, uma população pobre e à mercê de demagogos religiosos está minando as poucas bases civilizadas que ainda restam à sociedade brasileira. Essa dívida tem que ser cobrada da mídia que cometeu esse crime”. (SOUZA, 2017, p 128)

Souza (2017) indica que todos esses fatores fortaleceram aqueles que incitaram a postura antidemocrática como valorização à ditadura a torturadores ao fascismo aberto e contribuiu para ameaçar a democracia e aos direitos humanos conquistados ao longo dos séculos pelo povo. Neste momento a mídia age como se não tivesse nenhuma responsabilidade pelos fatos, se esquiva do fascismo cometido diariamente e critica o resultado do que produziu sem assumir a responsabilidade dos seus atos.

Análise das produções literárias dos alunos

Na análise realizada das produções literárias dos alunos, percebemos que as produções dos estudantes foram fortemente marcadas pelo tipo de cobertura realizada pela grande mídia, entretanto a discussão foi facilitada pelas ideias que todo brasileiro tem de si mesmo.

Apesar das manifestações que produziu o estopim do movimento acontecer no âmbito municipal elas foram federalizadas pela cobertura jornalística e distorcidas para atingir o Governo Federal, contudo, os textos dos estudantes abordam a corrupção apenas de forma genérica, sem fazer a particularização seletiva induzida pela mídia. Ou seja, nos textos não aparece nominalmente a presidenta Dilma.

As análises ratificaram a influência da mídia nas produções literárias com o tema corrupção. Nos textos examinados os estudantes deixam transparecer que as prestações de serviço estão paralisadas por causa da corrupção. Deixa explícito que na sua compreensão a corrupção é algo recente, algo que atingiu o Brasil de uma hora para a outra e que impossibilitou ou estancou as atividades laborais.

A compreensão que o estudante traz em suas produções assinala que a causa dos problemas de corrupção e suas consequências têm um culpado que é aquele que exerce o poder político. Apresenta ódio à política, desejando que essa atividade não existisse ou que a partir de então deve despertar o desprezo ou a indiferença das pessoas. Como algo que é marcado pela corrupção, o povo não deve se envolver com ela para não ser considerado um corrupto.

Em outro texto, o estudante afirma que o povo trabalhador irá vencer o problema que considera que vem sendo a causa de sofrimento que, em sua análise, é a corrupção. O estudante fala do trabalhador, não como classe social, mas sim como todos que têm uma ocupação. Assim pode ser incluído como trabalhador desde um grande empresário, com grandes capitais econômicos a um diarista que tem apenas a força de trabalho.

Ao fazermos a análise do conteúdo das composições dos estudantes não pretendemos discutir a complexidade conceitual do termo corrupção, sua natureza ou sua abrangência, nem a história de sua prática no país. Queremos entender o porquê que os estudantes apresentaram a abordagem que fizeram, tentando perceber as consequências desse entendimento que estão presentes nos textos do TAL.

Em todas as composições a corrupção é apresentada como uma ação exclusiva dos agentes políticos na administração do Estado. Isso constata a influência do tipo de cobertura jornalística das manifestações e a abordagem dessa temática.

Outro fator observado é que os estudantes escreveram livremente e por isso relataram aquilo que acreditam que consideram moralmente correto, portanto, as reportagens que assistiram, tiveram a sua influência facilitada por aquilo que eles já acreditavam, conforme conhecimento adquirido no senso comum.

Neste sentido, a explicação para a forma de pensar desses estudantes está na sua formação enquanto indivíduo dentro de um contexto social, visto que, o processo de construção da pessoa começa na família e a escola dá continuidade. Boa parte da formação se concretiza pelo senso comum, que é incorporado pela pessoa sem nenhum questionamento, outra parte vem dos conhecimentos científicos, em grande parte ensinados pela escola.

Para elucidar estas ideias que aparecem nas composições recorreremos a Souza (2009, 2017), que afirma que a ideia que todo brasileiro tem de si mesmo é marcada pela noção de personalismo, pela noção de patrimonialismo e pela noção de populismo. Segundo Souza (2017) esses três conceitos substituem a noção de escravidão e da luta de classes no Brasil.

Dessa forma, a visão que o brasileiro tem de si mesmo, marcada por esses conceitos serve para distorcer a explicação da realidade social em benefício da elite dos proprietários em detrimento dos prejuízos das classes trabalhadores e da ralé dos novos escravos, que fica impedida de construir uma interpretação que poderia contribuir para a sua autonomia, enquanto classes sociais.

Segundo Souza (2017) pela noção do personalismo de Sérgio Buarque cria-se o conceito de homem cordial na qual afirma que todo brasileiro tende a agir levando em conta os interesses pessoais ao invés do interesse público. Suas ações são movidas pelas emoções de ódio ou amizade, por isso tende a ser corrupto. Com a noção de patrimonialismo, explica-se o comportamento do homem cordial que, ao assumir uma função no Estado, tende a apropriar do bem público como se fosse seu.

Souza (2009) assegura que tanto a noção de personalismo como do patrimonialismo faz parte do conhecimento do senso comum como também do conhecimento científico. Sendo assim, os estudantes que fizeram os seus poemas que tratam da corrupção são influenciados desde a sua formação inicial, no convívio com a família e a sociedade até os conhecimentos adquiridos na escola.

Desse modo “o trabalho de distorção sistemática da realidade realizado pela mídia foi extremamente facilitado pelo trabalho prévio de intelectuais que forjaram a visão dominante” (SOUZA, 2017, p. 14). Assim explica o tipo de cobertura jornalística tendenciosa,

apresentando a corrupção de maneira seletiva, realizado pela grande mídia ter reverberado de forma tão incisiva no pensamento dos estudantes.

Tecendo considerações

Esta pesquisa permitiu identificar que as ideias que serviram de base para a construção dos textos literários dos estudantes são oriundas dos conceitos de personalismo, patrimonialismo e populismo, que estão presentes no senso comum e nas ciências sociais brasileiras e são ensinadas nas escolas e amplamente divulgadas pela mídia.

Além disso, ao fazerem a defesa das mesmas ideias que a referida manifestação vinha realizando, os estudantes foram vítimas da violência simbólica, por não terem a consciência de classe, defenderam as ideias que visavam à retirada de direitos das classes a que pertenciam.

Assim, fica claro que a mídia é um instrumento nas mãos da elite do dinheiro, para fazer a dominação das outras classes e as colocar a seu serviço. Porém, a ideia da força não é produzida pela mídia, ela apenas reproduz na divulgação massificada realizada cotidianamente.

Entendemos que o pensamento defendido nas manifestações de 2013, que reverberou nas produções textuais dos estudantes, fomentou as disputas políticas a partir de então, sendo propulsora das ideias e da base social responsável pelo golpe no mandato popular da presidenta Dilma. Ademais, a partir dessas manifestações é que começam a ganhar força as políticas de redução de direitos das camadas populares.

Percebemos também que a manipulação gestada pela grande mídia nas manifestações de 2013, criando um discurso de ódio ao PT, fazendo uso dos símbolos nacionais como a Bandeira e o Hino, criou um falso sentimento de nacionalismo que contribuiu na eleição do atual presidente do país.

Intuímos ainda que é necessário compreender que um fato histórico, social, econômico precisa ser interpretado. A partir da interpretação e da finalidade da interpretação é que são construídas as narrativas e é por meio delas que a elite do dinheiro mantém o domínio sobre as outras classes.

O entendimento da luta de classes forneceu os instrumentos cognitivos aos estudantes para que as narrativas reproduzidas por eles não fossem aquelas que não os libertassem.

Assim, os estudantes não foram apenas consumidores das narrativas da elite do dinheiro, que visa manter o domínio sobre as outras classes, mas protagonistas das suas escolhas.

A partir deste estudo chegamos ao entendimento que se faz necessário o uso de ferramentas pedagógicas que permita ao estudante o seu autoconhecimento, enquanto classe social. Essa auto-identificação, enquanto classe social lhe possibilitará saber que as classes estão em luta constante e lhe permite pensar em se colocar do lado de sua classe, não oferecendo as suas forças para opressão, mas para a sua libertação.

Esperamos que os estudos e discussões apresentados neste trabalho científico contribuam para fortalecer as práticas educativas libertadoras na formação cidadã e no combate às ideologias que visam à opressão, pois a educação libertadora é capaz de desenvolver a consciência crítica e perceber os fios que tecem a realidade social e superar a ideologia da opressão, da consciência ingênua, acrítica (MENEZES, 2014).

Referências

BARBOSA, Gisele Heloise; KERBAUY, Maria Tereza Miceli. **Os Protestos de Junho de 2013: Movimentos Sociais e Reivindicações**. Belo Horizonte, set. 2016.

BARDIN, Lawrence. **Análise de Conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1977.

GOHN, Maria da Glória Marcondes. Manifestações de protesto nas ruas no Brasil a partir de Junho de 2013: novíssimos sujeitos em cena. **Rev. Diálogo Educ.** Curitiba, v. 16, n. 47, p. 125-146, jan./abr. 2016.

MENEZES, Marília Gabriela de; SANTIAGO, Maria Eliete. Contribuição do pensamento de Paulo Freire para o paradigma curricular crítico-emancipatório. **SciELO**. Campinas set./dez. 2014. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-73072014000300003&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 11 fev. 2017.

PINTO, Céli Regina Jardim. A Trajetória Discursiva das Manifestações de Rua no Brasil. **Lua Nova: Revista de Cultura e Política**. São Paulo, fev-2017.

PUJOL, Antoni Francesc Tulla i; ROCHA, Fernando Goulart; SAMPAIO, Fernando dos Santos. Manifestações populares no Brasil atual: sociedade civil em rede e reivindicações sobre o poder político. **XIII Colóquio Internacional de Geocrítica**. Barcelona, 5-10 de mayo de 2014.

SOUZA, Jessé. **A Elite do Atraso**: da Escravidão à Lava Jato. 1ª. Ed. Rio de Janeiro: Leya, 2017.

_____. **A radiografia do Golpe**: entenda como e porque você foi enganado. 1ª. Ed. Rio de Janeiro: Leya, 2016.

_____. **A Ralé Brasileira**: Quem São e Como Vive. 1ª. Ed. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2009.

WARREN, Ilse Scherer. Manifestações de Rua no Brasil 2013: encontros e desencontros na Política. **Caderno CRH**. Salvador, maio/ago – 2014, v. 27, nº 71.

Sobre o(a/s) autor(a/s)

Autor 1

Mestrando em Ciências da Educação pelo Programa de Pós-graduação da FICS - Facultad Interamericana de Ciencias Sociales – Assunção - Paraguai. Atua como professor da Educação Básica da Rede Estadual de Ensino no município de Candiba – BA, Brasil. E-mail: valdimir.asa@gmail.com

Autor 2

Doutora em Ciências da Educação pela UEP - Universidade Evangélica do Paraguai – Assunção – Paraguai. Atua como professora orientadora de tese de mestrado do Programa de Pós-graduação da FICS - Facultad Interamericana de Ciencias Sociales na cidade de Guanambi - BA, Brasil. E-mail: ciddamoreira@bol.com.br

Autor 3

Mestre em Educação pelo Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia – PPGED/UESB. Atua como professora da Educação Básica da Rede Estadual de Ensino no município de Candiba – BA, Brasil. E-mail: vik714@hotmail.com